

AMÓS OZ

# O monte do Mau Conselho

*Tradução do hebraico e glossário*  
Paulo Geiger



Copyright © 1976 by Amós Oz

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Har haetsá haraá

The Hill of Evil Counsel

*Capa*

warrakloureiro

*Imagem de capa*

Robert Capa © International Center of Photography/ Magnum Photos/ LatinStock.  
Israel, junho de 1948.

*Preparação*

Ana Cecília Água de Melo

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Oz, Amós

O monte do Mau Conselho / Amós Oz ; tradução do hebraico  
e glossário Paulo Geiger. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2011.

Título original: Har haetsá haraá

ISBN 978-85-359-1973-8

1. Romance israelense (Hebraico) I. Título.

11-10065

CDD-892.43

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura israelense em hebraico

892.43

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

*O monte do Mau Conselho*, 7

*O senhor Levy*, 87

*Saudades*, 179

# 1.

Estava escuro. No escuro uma mulher falou: Não estou com medo. Um homem lhe respondeu: Você está com muito medo. E outro homem disse: Silêncio.

Então, pálidas luzes foram acexas em cada lado do palco, abriu-se a cortina e fez-se silêncio.

Em maio de 1946, quando se completou um ano da vitória dos aliados, o Comitê Nacional promoveu uma grande festa no salão do cinema Edison. As paredes estavam enfeitadas com bandeiras da Inglaterra e do Movimento Sionista. Na parte frontal do palco foram dispostos vasos com gladiólos. E pendurou-se uma faixa com um dístico da Bíblia: E HAJA PAZ EM SUAS MURLHAS, TRANQUILIDADE EM SEUS PALÁCIOS.

O governador de Jerusalém subiu ao palco em enérgicas passadas militares e proferiu um breve discurso, no qual inseriu um gracejo sutil, e também leu algumas linhas de Byron. Depois dele veio Moshe Shertok, para expressar em inglês e em hebraico os sentimentos da comunidade judaica. Nas extremidades do salão e junto às entradas para o palco estavam soldados ingleses

com suas boinas vermelhas e com submetralhadoras nas mãos, uma defesa contra a resistência subterrânea. Num camarote se divisava a figura sentada e ereta do alto-comissário, sir Alan Cunningham, e com ele uma pequena comitiva de senhoras e oficiais do Exército. As mulheres tinham nas mãos binóculos de teatro. Um coro de pioneiros em camisas azuis entoou canções de trabalho. Eram melodias russas, e despertavam mais melancolia do que alegria em seus cantores e no público.

Após o coro foi apresentado um filme sobre a ofensiva dos blindados de Montgomery no Deserto Ocidental. Esses blindados levantavam nuvens de poeira, esmagavam debaixo de suas esteiras trincheiras e cercas de arame farpado, espetando com suas antenas o céu cinzento do deserto. O salão foi tomado pelo troar dos canhões e pela exaltação de uma marcha militar.

No meio do filme um murmúrio percorreu os camarotes de honra.

A projeção foi subitamente interrompida. Todas as luzes se acenderam no salão. Alguém levantou a voz, numa admoestação ou num enérgico comando: precisava-se com urgência de um médico.

Na fila número 29 o Pai se levantou imediatamente. Ele fechou o botão superior de sua camisa branca, disse a Hilel num sussurro que cuidasse da Mãe e a tranquilizasse até que a situação se esclarecesse, e como a pular corajosamente para dentro de um prédio em chamas já abria caminho em direção aos degraus da saída.

Constatou-se que lady Bromley, cunhada do alto-comissário, sentira uma fraqueza súbita.

Ela usava um longo vestido branco, e seu rosto estava igualmente branco. O Pai apresentou-se muito rapidamente aos chefes do governo, enquanto pousava em seu ombro o braço inerte dela. Como um gentil cavaleiro a carregar sua bela adormecida,

o Pai levou lady Bromley ao vestiário feminino. Lá fez com que ela se sentasse num banquinho estofado e deu-lhe um copo de água fria. Três altos funcionários ingleses vestidos a rigor correram até ele, cercaram a enferma à direita, à esquerda e atrás e sustentaram sua cabeça quando ela tomou, com dificuldade, um único gole de água. E um coronel idoso em uniforme da Força Aérea tirou um leque da bolsa branca dela, abriu-o com cuidado e abanou-lhe o rosto.

A lady abriu seus olhos cansados. Com uma quase ironia observou por um momento todos os homens que se atarefavam a sua volta. Era muito velha, angulosa, seca como uma ave sedenta, o nariz fino e afiado, a boca contraída numa expressão sardônica.

“E então, doutor”, o coronel dirigiu-se ao Pai num tom desafiador, “e então, o que vai ser agora?”

Ele hesitou um pouco, desculpou-se duas vezes, e subitamente chegou a uma decisão. Curvou-se e desfez com seus dedos finos e bonitos os laços que apertavam o corpete, o que trouxe imediato alívio a lady Bromley. A mão encarquilhada que parecia um pé de galinha ajeitou a borda do vestido. Entre os lábios apertados abriu-se uma fenda, uma espécie de sorriso corrompido, ela cruzou suas velhas pernas e, ao falar, sua voz era cortante e hostil, uma voz de lata:

“É apenas o clima.”

Um dos altos funcionários disse educadamente:

“Minha senhora —”

Mas lady Bromley decidiu ignorá-lo. Dirigiu-se ao Pai com impaciência:

“Tenha a gentileza, jovem, de abrir todas as janelas. Essa aí também. Quero um pouco de ar. Isso, eis aí um bom rapaz.”

Ela falou assim com o Pai porque, em sua camisa branca por fora das calças cáqui, com o colarinho aberto e calçando sandálias bíblicas, ele lhe parecia um criado e não um médico. Ela

passara a juventude entre macacos, jardins e repuxos em Bom-baim, na Índia.

Em silêncio, o Pai obedeceu-lhe e abriu uma janela após outra.

O ar do anoitecer jerosolimita penetrou no recinto, e com ele os cheiros de repolho, pinheiros e lixo.

Ele tirou de um bolso um pequeno pacote de primeiros socorros, abriu-o com extremo cuidado na parte marcada com uma linha tracejada e estendeu à lady um comprimido de aspirina. O Pai não sabia como se pronuncia a palavra “enxaqueca” em inglês, por isso disse-a em alemão. Naquele momento provavelmente seus olhos azuis brilhavam numa luz calorosa e otimista por trás dos óculos redondos.

Passados dez minutos, a lady ordenou que a levassem de volta a seu lugar no camarote de honra. Um dos altos funcionários anotou numa caderneta o nome do Pai e seu endereço, e agradeceu-lhe discretamente. Sorriram. Houve uma leve hesitação. De repente o funcionário estendeu-lhe a mão, e eles troaram um aperto de mãos.

O Pai voltou a seu lugar na fileira 29, entre sua mulher e seu filho. Ele disse:

“Não aconteceu nada. Foi só o clima.”

As luzes do salão se apagaram. O general Montgomery tornou a aparecer, cruzando todo o deserto em sua impiedosa perseguição ao general Rommel. A tela se encheu de fogo e de colunas de poeira, e uma tomada mostrava Rommel de perto mordendo com força os lábios sobre um fundo musical de gaita de foles, num entusiasmo que beirava o êxtase.

No fim tocaram-se os hinos, o britânico e o sionista. A festa acabara. Os espectadores saíram do salão do Edison e foram para suas casas. A penumbra da noite desceu de repente sobre Jerusa-

lém. Ao longe se viam colinas escalvadas, e sobre elas, aqui e ali, uma torre solitária. Nas encostas distantes, cabanas de pedra espalhadas. Os becos exalavam sombras e murmurários. Toda a cidade estava envolta em profunda melancolia. As primeiras luzes se acenderam nas janelas. Havia uma tensa expectativa, como se a qualquer momento pudesse eclodir um novo som. Mas só se ouviam os antigos sons por todo lado, o resmungo de uma mulher, o rangido de uma persiana, o miado de um gato excitado entre as latas de lixo de um quintal qualquer. E um sino de muito longe.

Sozinho à janela de sua loja vazia, um belo barbeiro bucariano, em seu avental branco, barbeava o próprio queixo e cantava. Naquele momento, passava pelo cruzamento um jipe inglês de patrulha, sua metralhadora carregada com uma fita de balas de cobre reluzente.

Uma mulher idosa estava sentada num banquinho junto a sua minúscula papelaria, que mais parecia um cubículo. Suas duas mãos, enrugadas como as de um caiador, descansavam pesadamente em seus joelhos. A última luz vespertina emoldurava sua cabeça, e seus lábios se moviam silenciosamente. De dentro do cubículo outra mulher falou em ídiche:

“É muito simples, isso é uma coisa ruim, e não vai acabar bem.”

A velha não respondeu. Nem se mexeu.

Em frente à oficina de passar roupas Ernpreis, um mendigo judeu ortodoxo abordou o Pai, pediu e ganhou uma moeda de dois miles, agradeceu raivosamente a Deus, amaldiçoou duas vezes a Agência Judaica e afugentou um gato vadio com a ponta de sua bengala.

Do leste se ouviu o contínuo soar dos sinos, sinos de toque sonoro e sinos de toque abafado, sinos pravoslavos, sinos anglicanos, sinos gregos, sinos abissínios, romanos, armênios, como se a cidade estivesse assolada por peste ou incêndio. Mas esses sinos

não estavam lá senão para chamar a noite de noite. Uma brisa suave soprou de noroeste, vinda talvez do mar, roçou um pouco as pálidas ramagens das árvores ornamentais que a prefeitura de Jerusalém fizera plantar no acrivo da rua Malachi, e tocou com brandura os cachos do menino. Já era noite. Uma ave invisível soltou sua voz, estranha e insistente. Nas fendas dos muros de pedra floresciam manjeronas. A ferrugem se espalhava nas antigas persianas de ferro e nos corrimões dos balcões. Jerusalém silenciava na última luz do dia.

O menino tornou a acordar no meio da noite, num ataque de asma. O Pai veio descalço para acalmá-lo com uma canção:

*O carneirinho já dormiu  
Feche os olhinhos também  
O vento falou e sumiu  
Já dorme Jerusalém.*

De madrugada os chacais uivavam no uádi abaixo do bairro de Tel Arza. Por trás das paredes o inquilino Mitia gritou enquanto dormia: “Deixem-no! Ele ainda está vivo! *I-a n-iê zna-a-iu!*”. E calou-se. Depois, galos cantaram à distância, na direção de Sanhedria e da aldeia árabe de Shuafat. À primeira luz do dia, o Pai vestiu calças cáqui compridas, sandálias e uma camisa azul com bolsos grandes, cuidadosamente passada, e saiu para trabalhar. A Mãe continuou a dormir até que as vizinhas começaram a bater com toda a força seus travesseiros e colchões. Levantou-se então da cama num robe de seda, serviu ao menino um ovo quente, aveia Quaker e chocolate sem nata, e penteou-lhe o cabelo cacheado.

Hilel disse:

“Eu sozinho. E chega.”

Um vidraceiro idoso passou na rua e gritou: “Vidraceiro

profissional! América! Conserta qualquer coisa!”. E as crianças gritavam atrás: “Maluco!”.

Três dias depois o Pai ficou surpreso ao receber um convite dourado endereçado ao casal, para o Baile de Maio no palácio do alto-comissário, no monte do Mau Conselho. No verso do convite o secretário escrevera em inglês que lady Bromley queria com isso expressar ao doutor Kipnis seu profundo sentimento de gratidão e também suas sinceras desculpas, e que o próprio sir Alan manifestara sua admiração.

O Pai não era realmente um médico, e sim um veterinário.